



UNIÃO EUROPEIA

Trump investe na divisão dos aliados

Uma versão não publicada da estratégia dos EUA para a política externa define quatro aliados europeus como objetivos para dividir o bloco continental. Hungria, Itália, Áustria e Polônia têm extrema-direita em ascensão

» SILVIO QUEIROZ

A recém-divulgada estratégia de segurança e defesa dos Estados Unidos, que resgatou a Doutrina Monroe sobre a hegemonia do país no Hemisfério Ocidental (as Américas), esconde um ingrediente mantido em sigilo, mas exposto pelo portal norte-americano Defense One, que afirma ter tido acesso a um rascunho do documento. Um trecho até então desconhecido prevê o aprofundamento das parcerias com quatro aliados — Hungria, Itália, Áustria e Polônia — com o objetivo final de convencê-los a seguir os passos do Reino Unido e se desligarem da União Europeia (UE). Em comum, todos têm no governo e no sistema político uma presença forte da extrema-direita populista, que se identifica com elementos centrais do trumpismo, em especial o nacionalismo e a consequente reticência às políticas gerais do bloco.

O texto tornado público já tinha produzido mal-estar entre os aliados europeus, ao descrever o continente como uma região "em declínio". Menciona com especial ênfase a recente onda de imigração, em especial da África e do Oriente Médio, à qual atribui responsabilidade pelo que descreve como uma "extinção civilizacional". O documento, que todo governo dos EUA tem o dever de apresentar ao Congresso, critica a "censura à liberdade de expressão" na Europa e a "opressão aos opositores políticos".

O portal Defense One, no entanto, sustenta ter tido acesso a uma versão não publicada. Nela, é definida como parte da estratégia de segurança nacional dos EUA, para os próximos anos, uma aproximação dirigida aos governos de extrema-direita que compartilham visões defendidas pela Casa Branca desde o retorno de Donald Trump, em janeiro passado. São mencionados nominalmente os premiês da Hungria, Viktor Orbán, e da Itália, Giorgia Meloni. Embora não sejam hoje governados pela ultradireita, estariam no radar também a Áustria, onde a legenda mais votada na última eleição foi o Partido da Liberdade (FPÖ), e a Polônia, que escolheu como presidente

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Donald Trump define a Europa "em declínio" como alvo em sua estratégia de segurança nacional recém-anunciada

» Palestinos barrados nos EUA

O governo norte-americano incluiu os cidadãos de mais cinco países africanos e dois asiáticos, além dos palestinos, na lista dos que estão impedidos de ingressar no país. Eles se somam a 12 nacionalidades vetadas por uma medida anunciada em meados do ano. Mais 15 países são atingidos por novas restrições, embora não sejam atingidos pela proibição total. A justificativa para a extensão do voto foi o assassinato de dois militares e um civil, baleados no fim de novembro por um refugiado do Afeganistão — que constava da relação inicial. No que diz respeito aos palestinos, que não contam com cidadania própria, o voto se aplica a qualquer portador de documentos emitidos pela Autoridade Palestina, governo semi-autônomo estabelecido nos anos 1990 pelos acordos de paz de Oslo, firmados com Israel sob patrocínio dos EUA, na época governados por Bill Clinton.

Karol Nawrocki, do partido Direito e Justiça (PiS). O objetivo explícito seria "separá-los da União Europeia".

Afinidades

"Acho muito difícil o Trump produzir defecções na UE", avaliou,

em entrevista ao **Correio**, o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. "No caso de a Hungria sair, perde o poder de voto que pode exercer na prática sobre as decisões do bloco, e acho muito difícil que o governo americano assuma as transferências

milionárias que a UE faz para o país." Ele lembra ainda que a premiê italiana, expoente do pós-fascista Fratelli D'Italia, chegou ao poder em versão amenizada e, hoje, aproximou suas posições das defendidas por parceiros "europeístas" — especialmente, a França de Emmanuel Macron.

O estudioso reconhece as afinidades políticas e ideológicas entre a extrema-direita europeia e a ascensão e o trumpismo. Orbán, em especial, foi à época o único governante do continente a apoiar Trump na campanha eleitoral de 2016, quando conquistou o primeiro mandato presidencial. Em meio às atuais dificuldades econômicas, teria recebido de Washington o aceno para uma ajuda de emergência comparável aos US\$ 20 bilhões prometidos por Trump ao aliado argentino Javier Milei. O próprio presidente dos EUA, falando

recentemente ao site norte-americano Politico, alegou que "não se lembra" do compromisso.

"Orbán e Meloni são muito próximos (a Trump), mas não chegam a coincidir 100%" com suas ideias, pondera Rudzit. "Chefiam governos ultranacionalistas, xenófobos, que consideram o imigrante como uma ameaça à identidade nacional, da mesma maneira como Trump se refere ao 'sangue americano'", explica. "Têm visões de mundo próximas, e isso faz com que o governo americano se aproxime deles."

Mercosul

O professor da ESPM vê possíveis desdobramentos dessa movimentação no aguardado desenlace das negociações comerciais entre a UE e o Mercosul. O Parlamento Europeu acabou de aprovar uma versão revisada do acordo



No caso de a Hungria sair, perde o poder de voto que pode exercer na prática sobre as decisões do bloco"

Gunther Rudzit,
professor de relações internacionais da ESPM

que os blocos pretendem firmar neste fim de semana, em Foz do Iguaçu, com o lado sul-americano sob a presidência rotativa do Brasil. O texto deve ser ratificado nos próximos dias pelo Conselho Europeu, composto pelos governos dos 27 países-membros, para incorporar um conjunto de salvaguardas favorecendo o agronegócio europeu, em especial o francês.

"Não só essa estratégia nacional de segurança divulgada, mas também os vazamentos, devem fazer com que os governos europeus vejam com excelentes olhos essa parceria com o Mercosul, em especial tendo ainda o presidente Lula na liderança (do bloco)", acredita. "Pode até acelerar o processo entre os governos europeus, especialmente o francês, que é reticente quanto à abertura do seu mercado agrícola aos produtos brasileiros — uma área em que não têm competitividade nenhuma."

Rudzit lembra que o Mercosul tem hoje entre seus governantes o presidente da Argentina, Javier Milei, que é aliado incondicional de Trump e não faz segredo quanto a suas reticências em relação à integração regional e investe em relações prioritárias — inclusive econômico-comerciais — com Washington. "Quanto antes for fechado o acordo, fica tanto mais difícil um recuo do Mercosul."

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ

silvioqueiroz.bsb@gmail.com

Virou promessa de ano-novo

Depois de um quarto de século de negociações, com inúmeras idas e vindas, não chega a causar surpresa absoluta mais um adiamento na novela do acordo comercial entre União Europeia e Mercosul. Com o Brasil no comando rotativo do bloco de cá, o presidente Lula armou cenário para o ato solene de assinatura neste fim de semana, na cúpula regional em Foz do Iguaçu.

A cerimônia esbarrou nas antevésperas. A despeito do aval dos eurodeputados, prevaleceu o impasse no Conselho Europeu, instância superior da UE, que reúne os 27 chefes de Estado e de governo dos países-membros. Jogando "com o regulamento", como se diz no futebol,

a cláusula que permite o voto a um grupo de sócios que representem ao menos 35% da população do bloco.

Coube a Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, braço executivo da UE, cancelar de última hora a viagem programada para o ato de assinatura. E, sob algum constrangimento, combinar com o presidente brasileiro uma nova data para o ano que vem — possivelmente, ainda em janeiro.

Cansou a beleza

Lula, parece, trata de minimizar mais esse impasse. Mas o chanceler Mauro Vieira mal disfarçou a frustração, além de uma dose de cansaço. "Negociamos, negociamos e negociamos", desabafou, parreira em seguida emendar que, adiado mais uma vez o epílogo, não restaria à mesa

nada mais sobre o que conversar.

A palavra final, no entanto, está com o Planalto. No íntimo do palácio, os ouvidos do presidente estarão sempre abertos para Celso Amorim, que chefiou o Itamaraty nos dois primeiros governos petistas. Hoje assessor especial de Lula, o embaixador consta, nos círculos diplomáticos, como um dos principais entusiastas da aproximação com a Europa.

Plantar e colher

No centro do impasse, praticamente desde o início do processo, está o mercado de produtos agrícolas. Os tratores atraídos nas vias do "quarteirão europeu" de Bruxelas, durante a reunião do Conselho da UE, deram voz a Macron. Com raras exceções, os produtores do Velho Mundo não abrem mão de medidas de

protecionismo — ainda que seja embutido em considerações ditas "ambientais".

Na margem oposta do Atlântico, mais que tudo no Brasil, o agronegócio também afia os dentes. Ensaia rangê-lo contra as salvaguardas que o Europarlamento impôs à CE para fechar negócio com o Mercosul. Na virada do ano, Lula, Amorim e o círculo mais diretamente envolvido terão de administrar também as pressões dos reis do gado (e da soja).

Aqui como lá, todos plantam. Resta ver quem vai colher. Ou mesmo se vai chover em alguma das hortas.

Morre de véspera

Em outra frente diplomática estratégica — mas que o governo preferia cozinhar em banho-maria —, os próximos dias prometem quase tudo, menos festas. Pela batuta do secretário de Estado, Marco Rubio, cubano-americano e anticommunista de carteirinha, os EUA aceleram os preparativos para uma ofensiva militar destinada a tirar do tabuleiro

hemisférico Nicolás Maduro e o regime bolivariano da Venezuela.

A pedido do governo de Caracas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas se reúne na terça-feira, antevéspera de Natal, para examinar a crise. Nem o apostador mais temerário arrisca as fichas em uma resolução que contenha o ímpeto da Casa Branca, já que os EUA dispõem do poder de voto.

A Rússia, em nome de laços cultivados desde o governo de Hugo Chávez, e a China, que avança pela América Latina com a "bota das sete léguas" das histórias infantis, esperneiam. Mas no Natal, como reza o ditado popular, o peru morre de véspera.

Caça com gato

Não bastou uma semana para Maduro dar o troco: se Trump arrumou na Fifa um prêmio como promotor da concórdia, Maduro instituiu um para si.

Na falta de um Nobel da Paz, que ambos ambicionam, cada qual criou para si algum substituto. Como faz, na sabedoria popular, o caçador que não tem cão.